

IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO NO CHILE
COLONIAL.
(1540-1565 (*)).

EULÁLIA MARIA LAHMEYER LOBO.

Professôra de História da América da Faculdade de
Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(GB).

1. — INTRODUÇÃO.

Escolhemos como tema de nossa pesquisa o Chile, pois em geral as atenções estiveram polarizadas para o Caribe, onde se iniciou a experiência colonial e para os dois grandes núcleos de irradiação do império espanhol em Terra Firme: os vice-reinados da Nova Espanha e do Perú. Por outro lado, tivemos facilidade de obtenção de bibliografia graças a uma viagem ao Chile, proporcionada pela Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e de contactos com os professôres Rolando Mellafe e Cristian Guerrero Yoachan do *Centro de Investigaciones de Historia Americana*, Marcello Carmaguani do *Centro de Historia Colonial*, Elza Urbina Reyes da *Facultad de Letras da Universidad de Chile*, Ricardo Donoso da *Sociedad Chilena de Historia y Geografía*, em Santiago, aos quais agradecemos pela preciosa colaboração prestada.

Resolvemos limitar o presente trabalho ao período de 1540 a 1565, pois a parte estatística da nossa análise da formação da sociedade chilena baseia-se principalmente nos dados fornecidos pela obra de Tomas Thayer Ojeda, *Formación de la Sociedad Chilena* (Prensas de la Universidad de Chile, Santiago, 1943, 3 tomos). Nessa pesquisa exaustiva, o autor apresenta biografias das pessoas que entraram no Chile entre 1540 e 1565, de origem européia, *criollos*, mestiços, mulatos, pretos e dos que nasceram no Chile. Fêz um levantamento das informações necessárias no *Archivo Nacional do Chile*, em Santiago, que compreende o *Archivo de la Real Audiencia*, o

(*) — A autora agradece à Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores e ao Ministro Hélio Scarabótolo por terem proporcionado a viagem ao Chile que possibilitou a realização desta pesquisa.

Archivo de la Capitanía General de Chile, Archivos de los Escribanos de Santiago, Archivo de los Jesuitas, Archivo Morla Vicuña, Libro de Bienes de Difuntos, Archivo Don Benjamin Vicuña Mackenna, Archivo Antiguo de la Biblioteca Nacional; no Archivo del Arzobispado de Santiago; no Archivo de Indias em Sevilha; no Archivo del Convento de la Merced de Santiago, Archivo de la parroquia del Sagrario, Archivo del Convento de San Francisco de Santiago. Consultou coleções impressas de documentos, tais como, a *Colección de Publicaciones Historicas de la Biblioteca del Congreso Argentino*, para a documentação referente ao Vice-reinado do Perú, *Audiencias de Lima, Charcas, e gobernación de Tucumán, Colección de Documentos Ineditos para la Historia de Chile, Colección de Documentos Ineditos para la Historia de España, Colección de Documentos Ineditos relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antiguas posesiones españolas en America y Oceania, sacados de los Archivos del Reino y muy especialmente del de Indias, Colección de Historiadores de Chile*, afora cronistas, e a bibliografia histórica.

Os marcos temporais adotados são válidos também do ponto de vista da periodização da história, pois delimitam aproximadamente a fase inicial da conquista que se reveste de traços sociológicos bem definidos.

Quanto à área geográfica abarcada no presente estudo é a da chamada *gobernación*, província ou Reino de Chile. Como é sabido em 1534 foram estabelecidas as *gobernaciones* de Nueva Toledo concedida a Diego de Almagro, cujo limite setentrional passava por Chíncha, Nueva Andaluzia a Pedro de Alvarado, e as de Francisco de Camargo e de Pero Sancho de Hoz (esta última ia até o polo sul). Após as primeiras tentativas de reconhecimento e conquista de região, ao sul do império dos Incas, o rei confirmou em 1552 como terra *de gobernación y conquista* de Pedro de Valdívía, com a denominação de Nueva Extremadura ou província do Chile uma zona que se estendia de Copiapó, 27^o, até Osorno, 41^a, no sentido longitudinal. No sentido transversal seriam contadas 100 léguas (600 kms. aproximadamente) a partir da costa do Pacífico em direção ao interior, compreendendo as províncias de Tucumán, Juríes e Diaguitas e de Cuyo, cujo limite sul era o rio Diamante.

Em 1554, após a morte de Valdívía, a sua *gobernación* foi ampliada até o estreito de Magalhães e, em caráter provisório, até as terras ao sul do estreito. Em 1563, Tucumán, Juríes e Diaguitas foram desmembradas da *gobernación* do Chile e incorporadas ao distrito da Audiência de Charcas.

Em 1550 a extensão do Chile não efetivamente ocupada, mas ao menos balisada por pontos avançados da colonização espanhola, era limitada por La Serena (30^a) e Concepción (aproximadamente

37º). Em 1552 Valdivia é fundada (40ª) e, um ano depois, Santiago del Estero na região transandina e, na mesma ocasião, é atingido o estreito de Magalhães. Em 1553 o grande levante indígena interrompe, temporariamente, a conquista, retomada por Garcia Hurtado de Mendoza entre 1557 e 1561. A travessia do estreito de Magalhães, a fundação de Mendoza (1561), a exploração do sul da província de Cuyo marcam o apogeu da expansão territorial do Chile no período colonial.

2. — A EMIGRAÇÃO COM DESTINO AO CHILE NO PERÍODO INICIAL DA CONQUISTA — 1540-1565.

Um dos traços típicos, assinalado pela maioria dos autores é o caráter senhorial da conquista. Rolando Mellafe (1) salienta que os escravos negros eram considerados pelos conquistadores não como uma mercadoria mas como *compañia y servicio* do conquistador, um símbolo de *status*. A busca de aventura, do feito de armas, também foram estímulos de tipo de sociedade senhorial que atuaram na motivação da conquista do Chile. No entanto, ao lado desses aspectos quixotescos da conquista analisados por Jayme Eyzaguirre, houve uma motivação econômica forte: a riqueza aurífira. O cronista Lopez Velasco afirma que entre 1542 e 1560 o Chile forneceu mais de 7 milhões de *oro suelto* (2).

Das minas de Malga-Malga foram extraídos 6 a 7 mil pesos enviados por Valdivia ao Perú na primeira viagem de Alonso de Monroi. Essa exploração foi interrompida pelo levante de Michimallonco mas logo restabelecida em 1547. Calcula Domingo Amunátegui Solar que os *lavaderos* de Malga-Malga em 1547 tinham produzido 200.000 pesos de ouro, baseado na declaração dos Oficiais reais de Santiago sobre os quintos do rei. A mineração da região de Valdivia rendia menos do que os cronistas afirmavam. Rodrigo de Quiroga relatava ao rei, em carta de 12 de janeiro de 1579, que em dezembro de 1578 Drake capturara em Valparaíso um navio que acabara de chegar de Valdivia carregado de ouro em pó no valor de 25.000 pesos de ouro, soma que devia representar o trabalho de vários meses (3).

(1). — Rolando Mellafe, *La Introcucción de la Esclavitud Negra en Chile, Trafico y Rutas*, Universidad de Chile, Santiago, 1959, p. 66.

(2). — Jaime Eyzaguirre, *Fisonomia Historica de Chile, Rostro de Chile*, Editorial del Pacifico, Santiago, 1958.

(3). — Domingo Amunátegui Solar, *Lar encomiendas de indígenas en Chile*, Imprenta Cervantes, Santiago, 1909, p. 118 a 120.

Os lavadores de Choapa produziam de 6 a 7 mil pesos de ouro em 1569 e os de Andacollo menos, em consequência da falta de água.

O levante de 1553, o período de acefalia após a morte de Valdívia, entre 1554 e 1557, paralisaram a atividade mineira que foi retomada por Garcia Hurtado de Mendoza (1557-1561), e seus sucessores. O levante indígena de 1577 deflagra uma grave crise que acentua o declínio da produção do ouro. As cidades do sul, exceto Chillán, Concepción e Castro, são destruídas, o ouro de Valdívia e de outras regiões do sul, e aproximadamente a metade da população indígena utilizada como a mão-de-obra são perdidos, o comércio com Valdívia é interrompido. Os anos de 1578-1599 marcam o término do período de prosperidade baseado no ouro. O auge da rota comercial pelo Pacífico e da extração do ouro fôra alcançado por volta de 1570.

Outro incentivo econômico da conquista do Chile foi o de fornecer equipamentos, cavalos, armas, alimentos para a guerra. Os comerciantes do Perú tiveram participação ativa no financiamento da conquista.

A guerra também oferecia o atrativo da captura de escravos índios, da rapina e do saque.

Veio engrossar a corrente de emigração para o Chile a guerra civil no Perú. E' freqüente a fuga para o Chile dos acusados e condenados por traição ao Rei ou dos perseguidos pela Inquisição, contando-se entre êstes comerciantes cristãos novos, muitos dêles portugueses. Havia também um problema de desemprego estrutural no Perú. Os espanhóis, que não tinham sido aquinhoados com *encomiendas* ou cargos públicos, que já não encontravam ocupação na guerra, pois a conquista estava na sua fase final no império incaico e que não queriam se equiparar ao índio e ao negro como mão-de-obra, constituíam o grupo dos desempregados.

Além da emigração voluntária havia a forçada de escravos negros e de *yanaconos* peruanos trazidos pelos conquistadores.

Além dos motivos de atração exercidos pelo Chile deve-se considerar os motivos de saída da península ibérica. Mario Gongora (4) salienta a analogia da situação da zona Andaluza-Canari-Berberisca com as condições encontradas em Terra Firme e nas ilhas do Caribe. Formavam-se nessas regiões bandos espontâneos, de tipo similar aos dos adalides e almogávares. A base econômica dessas *cabalgadas* é a captura de escravos para venda. E' natural que os andaluzes desajassem continuar no Nôvo Mundo o gênero de vida

(4). — Mario Gongora, *Los Grupos de Conquistadores en Tierra Firme (1509-1530)*. *Fisionomia Historico-Social de um tipo de Conquista*, Centro de Historia Colonial, Universidad de Chile, Santiago, 1962.

a que estavam acostumados no Velho Mundo, onde perspectivas de expedições de rapina estavam se esgotando. Somente em 1602 uma Real Cédula ordena o pagamento de soldos dos militares e se constitui um exército regular, permanente. 1601 é a data do primeiro *situado*, contribuição do Perú para o sustento das forças armadas do Chile.

O término da guerra do Islão, o declínio dos bandos e correias eram fatores que estimulavam a emigração sobretudo da Andaluzia. A expansão do latifúndio e dos rebanhos de gado transumante em detrimento da agricultura contribuem para criar o desemprego. A gradual invasão do capital estrangeiro em Sevilha e a afluência de emigrantes estrangeiros e de outras regiões da península, aumentam a concorrência e o número de marginais.

De um modo geral não vinham para Índias as famílias da alta nobreza, mas somente os fidalgos e cavaleiros que usufruíam de certos privilégios fiscais e judiciais, sendo porém freqüentemente pobres, pois o sistema do morgadio em expansão nos séculos XV e XVI os privava de participar da herança paterna e corriam o risco de desprestigiar-se se dedicassem ao comércio ou a atividades manuais. Os cavaleiros representavam um grupo econômico-militar e foi comum reservar a eles o governo das cidades em Castela, sendo portanto mais raros do que os fidalgos.

E' preciso distinguir dois tipos de conquistadores, os que são detentores de recursos próprios e têm acesso ao crédito para financiar a conquista e os que Mario Gongora (5) denomina de:

“pequeños conquistadores que les siguen e quedan generalmente postergados y fallidos a la hora de recibir el premio, que no pueden costear su propia empresa, forman una especie de proletariado militar, de soldados y criados, que viven de la paga o de la hospitalidad. Ellos constituyen el fermento de las guerras cuiles peruanas y el contingente de las nuevas conquistas”.

A composição dos emigrantes quanto à origem, assemelha-se, no Chile, a encontrada para a América Hispânica em geral e para *Tierra Firme* (Darien), em particular, por Boyd Bowman e Mario Gongora, respectivamente (6).

- (5). — Mario Gongora, *Vagabundaje y Sociedad fronteriza en Chile (siglos XVII a XIX)*, Cuadernos del Centro de Estudios Socio-Economicos, Facultad de Ciencias Economicas, Universidad de Chile, Santiago, 1956, p. 3.
- (6). — Boyd Bowman, *Regional Origins of the earliest Spanish Colonists of America (1493-1519)*; Mario Gongora, *Los grupos de conquistadores en Tierra Firme (1509-1530) — Fisonomia Historico-Social de un tipo de Conquista*. Centro de Historia Colonial, Universidad de Chile, Santiago, 1962.

Regiões	Boyd Bowman (América Hispânica) (1493-1519)	Mario Gongora (Panamá) (1509-1530)	Chile (1540-1565)
Andaluzia	2.172 (39,6%)	29 (34,7%)	146 (25%)
Extremadura	768 (14,02%)	18 (21,4%)	70 (11,9%)
Castilla Nueva	483 (8,81%)	8 (9,5%)	77 (13,1%)
Castilla Vieja	907 (16,54%)	7 (8,3%)	57 (9,7%)
León	406 (7,40%)	5 (5,9%)	41 (7%)
Astúrias	36 (0,65%)	2 (2,3%)	2 (0,3%)
Montaña	80 (1,42%)	2 (2,3%)	1 (0,1%)
Provincias Vascas	257 (4,68%)	7 (8,3%)	37 (6,4%)
Corôa de Aragão	72 (1,31%)	1 (1,1%)	13 (2%)
Galícia	111 (2,02%)		10 (1,7%)
Navarra	10 (0,18%)		3 (0,5%)
Múrcia	29 (0,52%)		5 (0,8%)
Canárias	8 (0,14%)		2 (0,3%)
Estrangeiros	141 (2,57%)	5 (5,9%)	160 (27,3%)
Total	5.481 99,94%	84 100,102	584

Excluindo a cifra discrepante dos estrangeiros, no caso do Chile, notamos que a Andaluzia permanece em primeiro lugar nos três quadros. Castela-a-Nova ocupa o quarto lugar na América Latina em geral, o terceiro no Panamá e o segundo no Chile. Parece que, com o correr do tempo, a tendência foi de expansão da corrente emigratória de Castela-a-Nova. E' preciso lembrar também que o governador do Chile, Dom Garcia Hurtado de Mendonza, é originário de Cuenca, porém as províncias e cidades de Toledo e de Madri são as províncias de Castela-a-Nova que mais contribuem para a colonização do Chile. Aliás, Diego de Almagro, natural de la Mancha, também era de Castela. A Extremadura situa-se em terceiro lugar nas listas da América Latina e do Chile. Pedro de Valdívia, nasceu no partido de La Serena, província de Badajoz, na Extremadura que forneceu a maior quota de emigrantes dessa região para o Chile. Francisco Pizarro era de Trujillo, província de Cáceres na Extremadura e muitos pizaristas da guerra civil do Perú refugiaram-se no Chile para escapar aos castigos impostos pela justiça régia.

Em quarto lugar, quanto ao Chile, figura Castela-a-Velha e em quinto Leão, mesma posição ocupada quanto à América Latina. O governador Francisco de Villagra era filho de Álvaro Sarria, Comendador de la encomienda de Villela da Ordem de San Juan no reino de Leão e de Ana Velazquez de Villagra, natural e moradora de Santervas, Castela-a-Velha.

As províncias Vascas e a Galiza estão na mesma colocação para a América Latina e para o Chile. A corôa de Aragão, Murcia, Na-

varr ae Canárias estão em melhor posição no Chile do que na América Latina e a Montaña em pior posição.

Em conjunto verifica-se uma contribuição essencial da Andaluzia, as Castelas, e Extremadura e, logo a seguir, de Leão e províncias Vascas.

Em Andaluzia a primasia da cidade província de Sevilha é óbvia. No caso da emigração para o Chile, do total de 146 pessoas de Andaluzia, 77 provieram de Sevilha. Se analisarmos as profissões e as categorias desses emigrantes vemos que essa região da Espanha forneceu ao Chile sobretudo militares (45) sendo dez destes também funcionários, 29 funcionários e uma grande quota de fidalgos (17) e de artesãos (11) sendo surpreendentemente pequena a parcela de comerciantes (5), considerando-se que Sevilha tinha o monopólio oficial do comércio das Índias e na época considerada no presente trabalho, o comércio do Chile achava-se vinculado ao sistema das frotas, do desembarque de mercadorias no Panamá, donde eram transportadas para o Perú e para o Chile. Somente nas últimas décadas do século abrem-se os caminhos terrestres e surgem novas correntes de tráfico pelo Atlântico. A maior parcela de comerciantes era constituída no Chile por estrangeiros e peruanos. O alto número de fidalgos é explicável pelas razões antes apontadas. A contribuição da Andaluzia à emigração diminui na medida em que as províncias estão mais distantes das províncias de Sevilha e Cádiz que controlavam o comércio com as Índias, nessa época, de forma bastante efetiva. A província e cidade de Sevilha contribuem com 77, a província de Cádiz com 19, em seguida vem Huelva (17) vizinha de Sevilha e Cádiz, onde estão situados os dois portos importantes de Palos e Moguer. As províncias interiores de Córdoba e Jaen estão em terceiro e quarto lugares. As províncias marítimas de Málaga, Granada e Almeria, excluídas oficialmente do comércio com as Índias, têm uma importância decrescente na medida do seu afastamento de Sevilha e Cádiz, sendo que Almeria, a mais distante, não figura com emigrantes. Granada, devido aos maometanos, ficava prejudicada como fonte de emigração. Depois do levante dos maometanos em 1566 e de sua expulsão, Granada recebeu emigrantes das outras regiões da península.

O afluxo dos metais preciosos do Nôvo Mundo teve um grande impacto sobre a alta de preços, sendo a Andaluzia o foco de dispersão da tendência inflacionária.

Juan de Reglá (7) salienta que no século XVI, apesar da expansão do comércio com as Índias, a mentalidade senhorial ainda

(7). — Juan de Reglá, *La época de los tres primeros Austrias, Historia Social y Económica de España y America* (dirigida por Vicens Vives), Editorial Teide, Barcelona, 1957, v. 3, p. 35 e seguintes e p. 52 e seguintes.

prevalecia e a propriedade do solo continuava sendo, no tempo dos três primeiros Áustrias, o objetivo máximo. Os novos ricos da inflação, decorrente da importação dos metais preciosos das Índias, procuravam adquirir terra que se valorizou muito em função do incremento da demanda. Portanto a conjuntura econômica favoreceu a concentração territorial, isto é, o latifundismo que se expressou juridicamente sob a forma de morgadios. Por outro lado, o desnível entre preços e salários acentuou-se e houve uma crise no abastecimento de trigo. O abastecimento de trigo para as frotas era monopólio de Sevilha e de uma área de 15 léguas em redor da cidade e o trigo e os produtos agrícolas constituíam o artigo principal de exportação da Andaluzia. Já em fins do século o preço do trigo era mais barato nas Canárias do que naquela região.

No período em estudo, os preços dos gêneros alimentícios subiram mais rapidamente do que os salários na Andaluzia e Castela. Somente entre 1580 e 1596, a alta dos salários superou a dos preços. Essas audições eram propícias à emigração da classe assalariada e dos fidalgos.

E' preciso salientar ainda que Sevilha atraía habitantes de outras regiões da península, principalmente no século XVI.

A importância das duas Castelas na emigração decorre logicamente da política de reservar as Índias para Castela, apesar da união pessoal com a corôa de Aragão.

Outro aspecto que deve ser considerado é o da distribuição da população.

Em 1530 e 1594, Sevilha é a cidade de maior população, com 45.395 habitantes na primeira data e 90.000 na segunda, e figura com destaque na lista das cidades que apresentam maior crescimento. Vem em seguida Toledo (31.930 e 54.605). Toledo, cidade e província, contribuíram com 37 dos 77 emigrantes de Castela-a-Nova. Talavera de la Reina cidade de 6.035 habitantes em 1530 e de 10.175 em 1594, contribuiu com 21.

Madri em 1530 era a décima quarta cidade de Castela com 4.060 habitantes e em 1594 era a terceira com 37.500, tendo o crescimento urbano mais espetacular do período, o que é natural por ser sede da administração central numa época de expansão comercial. Alcalá de Henares, próximo a Madri, e onde está situada a famosa Universidade, também teve um aumento substancial de população de 8.180 para 12.725. A forte emigração relativa de Torrejon de Velasco, da província de Madri, parece ser consequência da influência da emigração de um membro de uma família sobre os parentes e amigos. E' portanto, natural que Madri, cidade e província, figurem em segundo em importância numérica (21) na emigração de Castela-a-Nova para o Chile. Na composição das profissões exercidas pelos emi-

grantes provenientes de Castela-Nova no Chile, equilibram-se funcionários e militares, 17 de cada categoria, num total de 77. A quota de fidalgos, é escassa.

A zona de máxima densidade demográfica localizava-se num quadrilátero formado pelo Cantábrico ao norte, pelo curso do Tejo ao sul, pela fronteira de Portugal, a leste e pelo sistema ibérico a oeste. Aí concentrava-se 35,4% da população de Castela (lato senso) em fins do século XVI. No vale do Guadalquivir e na região montanhosa levantina, a densidade demográfica era de 22 e 21 habitantes, respectivamente, em Navarra e no sudeste (Alta Andaluzia e Múrcia) de 12, na Catalunha de 11 e em Aragão de 6, o que corresponde a posição desfavorável, em sétimo lugar, da corôa de Aragão, que abarcava a Catalunha, Aragão pròpriamente dito, Vaiência; do de Múrcia, em nono, de Navarra em décimo. Já vimos que a alta Andaluzia pouco contribuiu para a emigração. Aliás os interesses de Aragão no Mediterrâneo, e a exclusão oficial desse reino da conquista das Índias contribuíram para limitar a sua participação.

O quadrilátero de maior densidade demográfica abrangia aproximadamente tôda Castela-a-Nova, a metade norte de Castela-a-Velha, ao norte do Tejo, Leão (exclusive Astúrias), parte da província de Cáceres na Extremadura. Essas regiões ocuparam quanto à emigração para o Chile o segundo lugar (Castela-a-Nova), o terceiro (Extremadura), o quarto (Castela-a-Velha), o quinto (Leão).

Em Extremadura, a província mais populosa de Cáceres contribuiu com 24, num total de 69, porém Badajoz e província mantiveram a primasia com 28, talvez tenha contribuído o fato de Pedro de Valdívia, conquistador do Chile, ser originário do partido de la Serena, na província de Badajoz. As cidades da Extremadura não figuram entre as populosas de crescimento rápido em 1530 e 1590 e nota-se que os emigrantes vêm na sua maioria das províncias de Badajoz e Cáceres e de pequenas vilas. A maioria dos emigrantes dessa proveniência dedica-se a administração: 31 funcionários em 70 emigrantes. E' também substancial a parcela de fidalgos (5).

De Castela-a-Velha a maior contribuição é de Toledo e província de Toledo (27), apesar de Segóvia (8), Ávila (3) figurarem entre as cidades mais populosas de rápido crescimento demográfico, Segóvia com 15.020 e 27.740 e Ávila 9.185 e 14.130. De Medina do Rio Sêco, cidade de população declinante, 11.310 — 1530 para 10.030 (1594), veio Francisco Jufre que teve papel destacado na guerra do Aranco e a quem foi confiado o cargo de *teniente general de la Gobernación* e a direção da campanha, depois do desastre de Curalaba. Juan Jufre, irmão do precedente, também veio para o Chile e Juan Jufre, fidalgo, primo do governador Francisco Villagra,

e que foi designado por êste para *teniente de gobernador*, de Cuyo. Enfim Jufre de Mendonza era parente de Francisco Jufre.

Castela-a-Velha contribuiu sobretudo com militares e funcionários e pequeno número de fidalgos.

De Leão vieram 41 emigrantes, em contraste com Astúrias que ficava fora do quadrilátero de alta densidade, donde vieram apenas 2.

Dos 41 emigrantes, 18 são originários de Salamanca, cidade e província. Salamanca ocupava o oitavo lugar dentre as cidades mais populosas de maior crescimento demográfico de Castela em sentido lato, com 13.110 habitantes em 1530 e 24.765 em 1594. Nenhuma das outras cidades de Leão figura entre as mais populosas dêsse século. Salamanca, cidade universitária, contribuiu com três dos quatro fidalgos provenientes de Leão, que fazem parte de uma elite colonial. A maioria dos emigrantes é constituída por militares (19) e funcionários (10).

Da Galiza vêm apenas 10 emigrantes. Não só é uma região de pequena densidade demográfica, como sofreu uma drenagem de seus habitantes no correr do século XVII, pois a mais forte corrente emigratória interna na península Ibérica dirigia-se da Galiza para Andaluzia. Santiago era uma cidade de população declinante. Em 1557 contava com 5.380 habitantes e em 1594 com 4.720.

As Canárias figuram na emigração graças à sua posição estratégica de ponto de escala na rota do Atlântico e ao comércio que desenvolveu com as Índias e ao seu papel no abastecimento das frotas (8).

Geralmente afirma-se que as províncias Vascas contribuíam pa-emigração fornecendo marinheiros, porém no total de 37 figuram apenas dois marinheiros, e a maioria (18) dos emigrantes dedicou-se a atividade militar no Chile.

A cifra relativa aos estrangeiros 160 está distorcida pelo fato de Tomas Thayer Ojeda (9) ter procurado na sua obra salientar o papel dos estrangeiros, figurando grande número de hispano-ibéricos sem referência a origem. O total do número de pessoas que consta do levantamento é de 2.682 emigrantes, *criollos* espanhóis, mestiços (de índio e branco), negros, mulatos. Identificamos 40 *criollos* brancos, 221 mestiços nativos de várias regiões das Índias, inclusive do Chile, 19 negros e mulatos. Descontando-se essas cifras daquêlê total, verifica-se que o número de emigrantes eleva-se a 2.402. Noutro

(8). — Francisco Morales Padrón, *El Comercio Canario Americano*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela de Estudios Hispano Americanos de Sevilla, 1955.

(9). — Tomas Thayer Ojeda, *Formación de la Sociedad Chilena y censo de la Poblacion de Chile, en los anos de 1540 a 1565*, Prensas de la Universidad de Chile, 1941, 3 tomos.

trabalho, o mesmo autor (10) dá um total de 2.391 emigrantes da Europa para o Chile; há uma diferença de 11 pessoas que devem ser de uma das três categorias não européias e que deixaram de ser assinalados como tais. De todos êsses dados foram excluídas as mulheres. Portanto os estrangeiros, são 160 em relação a 2.391 de origem hispano-ibérica, representando uma percentagem de 7%, de qualquer forma bem superior a 2,57% assinalada para a América Latina em geral. Se descontarmos os incertos (69) a cifra se reduz a 99 e a percentagem a 4%, ainda superior a global. E' portanto considerável a importância dos estrangeiros no Chile em termos relativos. A principal contribuição é a italiana, principalmente de Gênova, o que é compreensível dadas as ligações dos comerciantes genoveses com Sevilha.

Apareceram os genoveses e pisanos em Catalunha no século XII, e chegaram a ter bairro próprio em Sevilha. Estabeleceram-se em Jerez, Cádiz e em Portugal (Lagos, Algarve em geral, Lisboa), Marrocos. Comerciam com a África portuguesa, Açores, Madeira, Canárias.

Na medida em que as emprêsas colonizadoras foram se ampliando, também a tonelagem dos navios aumentou e a participação do capital estrangeiro em Sevilha cresceu.

Os italianos estão em primeiro lugar numéricamente entre os estrangeiros, atingindo o número de 88 emigrantes. Dêstes, 22 eram comprovadamente italianos e os demais muito provavelmente dessa origem pelo nome, pela atividade exercida, por referências indiretas. Certamente deveria de existir um número maior de estrangeiros do que o registrado, pois muitos ao se estabelecerem no Chile mudavam de nome.

De Gênova e arredores vieram para o Chile 22 emigrantes e de Veneza, Nápoles, Siena, Sicília em pequenas proporções.

Dos italianos radicados no Chile, 14 eram mercadores e 20 marinheiros, portanto há uma inversão na proporção das profissões em relação as observadas nos estoques de emigrantes provenientes da península ibérica, figurando em primeiro lugar os marinheiros, em segundo os militares (18), em terceiro os mercadores (14). Dentre os comerciantes destaca-se Anton de Niza que fundou uma sociedade com Pedro Malta e Gabriel Cifuentes para comprar um navio que realizou muitas viagens trazendo carga do Perú que era vendida pelos sócios no Chile, além de cobrar os fretes. Essa companhia funcionou por vários anos. Juan Bautista Garibaldi figura capital

(10). — Tomas Thayer Ojeda, *Reseña Histórico-biográfica de los Eclesiásticos en el descubrimiento y conquista de Chile*. Separata da "Revista Chilena de Historia y Geografía", tomos 35 e seguintes, 1921.

comercial de 5 a 7.000 pesos, bastante apreciável para a época. No campo militar o personagem mais notável é Juan Bautista Pastene.

Os portugueses atingiam o número de 43 indivíduos, sendo principal contingente o dos comerciantes (6), seguido pelo o dos marinheiros (4) e pelo dos militares (3), funcionários (3), artesãos (3), fidalgos (2) e cavaleiro (1). Essa significativa participação dos portugueses, parece decorrer inicialmente da atração pelas notícias das minas de prata do Perú. Estabelecidos em Potosí e em Lima como comerciantes, financiadores muitas vèzes das explorações mineiras, interessaram-se nas possibilidades de negócio que se abriam com a conquista do Chile.

Finalmente vários portugueses, pelo menos sete, foram desterrados do Perú por terem participado na guerra civil ou cristãos novos que se refugiaram no Chile para escapar ao Santo Ofício.

Gonzalo Yañez, originário de Braga e que vivia no centro mineiro de Porco no Perú, emprestou 5.000 castelhanos em ouro ao tiniente general Alonso de Monroy para montar uma expedição de socôrro ao Chile. Resolveu incorporar-se às fôrças militares provavelmente para fiscalizar o seu investimento, que aliás foi muito lucrativo, rendendo altos juros, o que era corrente em capital de risco desse tipo.

Antônio Nuñez da Fonseca veio ao Chile em 1543. O Cabildo de Santiago incumbiu-o de redigir *ordenanzas* de minas que foram postas em vigor em 1555, ano em que exercia as funções de Alcaide de Minas. Era proprietário de vários armazens em Valparaiso e montou um estaleiro na sua propriedade em Concón. Além dessas atividades, ainda produzia frutas num pomar em Santiago.

Muitos marinheiros também comerciavam em pequena escala, aproveitando-se das viagens a Lima mesmo quando eram realizadas por motivos militares.

Era comum colocar escravos negros como tripulantes dos navios para depois vendê-los no Chile. Os portugueses tiveram grande participação no comércio negreiro, se bem que sobretudo em época posterior com a união das duas corôas em 1580 e com o *asiento* ou contrato obtido pelo português Juan Rodriguez Coutinho para fornecer escravos às Índias (13 de maio de 1601). Antes dessa data o contrabando de escravos se fazia por Buenos Aires e pela colônia do Sacramento. Os portugueses também tiveram importância como banqueiros em Lima.

Três fidalgos portugueses e um cavaleiro, comendador da Ordem de Cristo, participavam ativamente da guerra do Aranco. Um dos fidalgos, Don Simon Perez, mantinha quatro criados à sua custa.

Três portugueses foram funcionários, cinco militares e três artesãos, sendo dois mineiros e um ferreiro. Dos restantes sabe-se que

dois foram membros do clero, dois receberam solar doado pelo Cabildo, um era *encomendero*. Em posições subalternas havia dois barbeiros e um pastor.

Sabe-se que dois portugueses foram processados pela Inquisição como judaizantes.

Em terceiro lugar estão situados os gregos (21). A maior parte dêles integrava a tripulação dos navios (8) e vários eram mercadores (6). Entre os artesãos figuram um calafate e um carpinteiro ligados com a atividade marítima enquanto que entre os portugueses predominam os mineiros e entre os italianos os alfaiates (2), mineiros (2), carpinteiro (1).

Os flamengos, alemães e franceses, vieram em pequena proporção 4, 3 e 2 respectivamente, apesar das ligações da Casa de Áustria com essas regiões. E' verdade que os franceses só adquiriram maior importância no comércio de Sevilha em fins do século. Entre os alemães, o fidalgo Pedro de Lisperguer teve papel de destaque na guerra fornecendo armas, cavalos, criados e mantendo à custa própria 10 soldados. Bartolomé Fleres também é digno de nota como fabricante de carretas e possuidor de moinho.

3. — FORMAÇÃO DA SOCIEDADE COLONIAL.

Do total conhecido de emigrantes e *criollos*, mestiços, negros, mulatos que entraram e nasceram no Chile entre 1540 e 1561 que é de 2.682, só se conhecem as profissões de 1.698, mas é o suficiente para dar uma idéia da composição da sociedade nessa época. E' claro que as cifras só servem como indicadores de tendências dentro de uma amostra da sociedade colonial, o que é válido também para as origens dos emigrantes. O grupo numéricamente maior é o dos militares, composto por 519 indivíduos. Essa predominância é natural na fase de conquista sobretudo no Chile, onde a resistência indígena foi quase ininterrupta. Nessa fase, a base da recompensa pela atividade guerreira era o saque, a venda de escravos, ou a obtenção de uma recompensa das autoridades sob a forma de *encomienda* de índios, título nobiliárquico ou cargo no Cabildo, na administração provincial ou central.

Só no século XVII vai ser organizado um exército regular com pagamento de salários e recursos próprios para despesas militares com o famoso *situado* remetido pelo Perú.

Portanto, é comum a figura do militar-funcionário, ou militar-funcionário-*encomendero*, ou ainda militar-comerciante-*encomendero*. mas as duas primeiras associações são as mais freqüentes.

Dos 519 militares, 175 eram graduados: capitães, sargentos maiores, alferes, generais, o que representa uma parcela excepcional-

mente grande em relação ao total. Essa anomalia resultava, em parte, do fato de que índios yanaconas do Perú, e depois índios do Chile desempenhavam tarefas atribuídas geralmente aos soldados. Os negros, muito caros, participaram da guerra em pequena escala.

Os funcionários de todos os níveis desde o urbano: *regidores*, *alcaldes*, etc., do Cabildo, até *corregidores*, governadores, juizes, elevavam-se a 375 que aparentemente eram somente funcionários ou funcionários-*encomenderos*. Havia além desses mais 174 funcionários que exerciam outra atividade, geralmente a militar. O total atingia portanto a 530, maior do que o de militares, o que revela como já no século XVI, numa sociedade de fronteira em formação, a burocracia era excessiva.

O clero secular é regular compreendia 176 membros, o que acentua ainda mais a amplitude do setor terciário na sociedade colonial. Se compararmos com a sociedade colonial da Virgínia, que não teve um clero designado pelo bispo da Igreja Anglicana, sendo as funções dos ministros exercidas pela junta dos paroquianos e que teve um número reduzido de funcionários, pode-se avaliar melhor a distorsão do setor de serviços na América hispânica colonial (11).

O número de membros da aristocracia também é muito elevado (81), sendo 55 fidalgos e 26 cavaleiros. Daquêle total apenas 13 figuram como pessoas dotadas de recursos, tendo contribuído para a guerra com cavalos, armas, criados, escravos, serviços. Encontramos um pecuarista, Francisco Castañeda, *caballero de solar conocido*, que trouxe para o Chile o primeiro gado, um proprietário de manufatura de tecidos e pecuarista, Alonso de Córdoba, um proprietário de moinho e estaleiro. Juan Jufre, dois proprietários de navios e comerciantes, Bernardo de Huelte e Hernando de Ibarra, um dedicado a mineração, Don Francisco de Irrazabal. Os restantes eram militares, funcionários *encomenderos*.

101 indivíduos estão registrados apenas com a conotação de *encomenderos*. Os *encomenderos* podem ser equiparados até certo ponto aos administradores de empresas-capitalistas, sendo o seu principal capital o usufruto da mão-de-obra indígena.

No Chile houve grande resistência em converter o tributo do índio encomendado, de serviço pessoal em tributo em espécie. Os *encomenderos* utilizavam-se de mão-de-obra indígena sobretudo na atividade mineira. Alugavam a mão-de-obra de que não necessitavam a outros espanhóis. Rolando Mellafe (12), analisando o forte declínio do número de índios encomendados no Chile no século XVI,

(11). — Herbert S. Klein, *Anglicanism, Catholicism and the Negro Slave, comparative Studies in Society and History*, vol. III, nº 3, April, 1966.

(12). — Rolando Mellafe, *La Introduccion de la Esclavitud negra en Chile — Trafico y Rutas*.

atribui grande importância aos deslocamentos da população das comunidades nativas devido ao sistema de tributo baseado no serviço pessoal, às freqüentes transferências da posse das *encomiendas*, à participação do índio na guerra, a possibilidade dos índios de paz refugiarem-se na cordilheira ou entre os índios rebelados.

Marcello Carmagnani, considerou importante a mestiçagem como fator de declínio da população de índios encomendados. Os mestiços ou se integravam à sociedade branca ou ingressavam no grupo marginal dos vagabundos, que trabalhavam ocasionalmente nas minas, nas colheitas e viviam a maior parte do tempo de roubos de gado ou de atividades guerreiras predatórias nos chamados golpes de gente (13).

Além dos 101 *encomenderos* constam do levantamento feito, 293 *encomenderos* que eram militares, funcionários ou em menor número comerciantes.

Os comerciantes atingem a soma de 126,49 estabelecidos em Santiago. Em plena crise, provocada pela rebelião indígena (1554-1560), o governador García Hurtado de Mendoza fechou muitos estabelecimentos comerciais e prendeu mercadores. Foi acusado de querer implantar um monopólio comercial em 1157. Em 1560 a descoberta de ouro de Madre de Dios em Valdivia e depois em Illapel e Choapa, trouxeram de novo a prosperidade e revigorou-se o comércio. No entanto, em fins de 1579, só havia oito lojas importantes em Santiago, talvez porque a sede do negócio estava freqüentemente em Lima. É sabido que o Consulado de Lima resistiu tenazmente à fundação do Consulado de Santiago no século XVIII. Os grandes comerciantes do século XVI eram do Perú: o comerciante de Porco Gonzalo Yañez que emprestou dinheiro a Alonso de Monroy, Hernandez Huelva, do Perú e Anton de Lerma e Juan Velez de Lara, ambos de Potosí, que emprestaram a Valdivia o primeiro e a Villagra os dois últimos.

Os comerciantes raramente converteram-se em industriais. Citam-se apenas o português Antônio Nuñez da Fonseca, proprietário de estaleiro, Anton Galan e Jerônimo de Molina, proprietários de manufaturas de tecidos, Francisco Rúbio de Alfaro, dono de mineração em Malga-Malga. O mercado consumidor era reduzido e a elite branca de maior capacidade econômica consumia artigos manufaturados importados da metrópole.

(13). — Marcello Carmagnani, *El Salariado Minero en Chile Colonial su desarrollo en una Sociedad Provincial, El norte Chico 1690-1800*, Centro de Historia Colonial de la Facultad de Filosofía y Educación, Santiago 1963; — Mario Góngora, *Vagabundaje y Sociedad Fronteriza en Chile, Siglos XVI a XIX*.

Os comerciantes exerciam cargos públicos que lhes permitiam ter grande força política. E' interessante salientar que os Tesoureiros régios de Santiago, Osorno e Concepción eram os comerciantes Ruy Díaz de Vargas, Juan Ferrel e Hernando de Huelva. Francisco Perez de Valenzuela era comerciante e provedor da armada.

Foram registrados 71 marinheiros e mestres de navio, 11 dêles eram também comerciantes, em pequena escala no primeiro caso e em maior escala no segundo.

Numa sociedade em formação com uma florescente classe burocrática e militar não havia grandes oportunidades para o desenvolvimento das profissões liberais. Registramos 32 pessoas nessa categoria incluindo advogados (7), cirurgiões (2), médico boticário (1), cirurgiões barbeiros (2), cirurgião-boticário (1), médicos (2), cirurgiões não diplomados (2), barbeiros (2), boticários (2), intérpretes (3), mestres de ler e escrever (5). O ensino estava a cargo de Igreja.

Numa sociedade de tipo semi-senhorial é lógico também que o número de criados brancos e mestiços (índio e branco) fôsse elevado, atingindo a cifra de 74. Era um símbolo de *status* para os fidalgos e cavaleiros ter de quatro a cinco criados, afora escravos.

Os artesãos e operários atingiam a soma de 131, representando parte substancial do setor secundário produtivo da sociedade. Em maior proporção estavam os mineiros (19), principal atividade econômica do Chile nessa época. Naturalmente a mão-de-obra não especializada era constituída pelos índios e em pequena escala pelos negros e mestiços livres. No final de século, desenvolve-se o trabalho livre contratado. Ainda ligados a essa atividade temos 8 *plateros*, 4 fundidores, 1 *cuchillero*. Os ferreiros eram em número de 15, sendo um também *alcalde* de minas e outro *herrero arcabucero*. As forças militares representavam uma demanda para a produção dêsse tipo de artesão. Havia 5 *herradores*, também necessários sobretudo para a cavalaria utilizada na guerra.

O número de carpinteiros encontrado no levantamento é de 14 e de calafates 2, certamente muitos dos primeiros eram empregados nos estaleiros e na construção civil. Os pedreiros e canteiros eram apenas 3. Muito poucas deveriam ser as construções de pedra nessa época.

Nos *obrajes* a mão-de-obra era indígena e, portanto, só verificamos a existência de um fabricante de sédas e um tecelão de veludo.

Impressiona o número de alfaiates (15) em comparação com os números das demais categorias de artesãos, sobretudo que ainda figuram 5 *calceteros* (fabricantes de meias e calças), tendo dois veedores da corporação dos alfaiates e um dos *calceteros*. Os grêmios utilizavam-se de mão-de-obra indígena, mestiça, negra e mulata. *Asientos* de Trabalho ou contratos de trabalho de 5 anos (1565, 1585, 1595,

1605 e 1615) indicam um total de 27 aprendizes e oficiais contratados, 5 negros, 6 mestiços e espanhóis, 16 índios (14).

Observamos ainda 7 sapateiros, sendo um sapateiro bordador, 3 *silleros*, 3 *arrieros*.

No século XVI existiam quatro manufaturas de tecidos, porém a sua produção aumentou sobretudo no final da centúria e na seguinte quando os tecidos do Chile foram exportados para Buenos Aires e até Brasil, segundo os croistas da época. De qualquer forma, a abundância de alfaiates deve estar ligada ao desenvolvimento da tecelagem e a distância em que estava o Chile da metrópole, com o conseqüente encarecimento das manufaturas importadas via Panamá (dois transbordos) e Lima. Chegaram a ser instalados 6 estaleiros no Chile no século XVI, 1 fábrica de enxárcia, pois a navegação era vital do ponto de vista econômico e militar, dadas as dificuldades da comunicação terrestre em Lima. O trigo foi elemento essencial da alimentação já no século XVI, no século seguinte, como é sabido, o Chile seria exportador de trigo para o Perú. Entre manufaturas figura um moinho e dois engenhos de açúcar, além de uma fábrica de cerâmica e louça, aproveitando-se da mão-de-obra especializada indígena disponível.

Já vimos que os industriais se recrutaram entre os fidalgos, entre os militares (Juan Jufre e Juan Bautista Pastene) e em menor proporção entre os comerciantes. A atividade de mineração de ouro e prata era partilhada por um número relativamente grande de espanhóis, pois se tratava de *lavaderos* que não requeriam grande investimento para serem explorados.

A grande massa no setor primário e secundário era constituída pelos índios nativos pacificados, yanacunas peruanos, e em muito pequena proporção pelos negros e mulatos e em maior pelos mestiços de índio e branco.

A população nativa é avaliada por Domingo Amunátegui, John Cooper e Steward, que é uma revisão e atualização do *Handbook*, é apresentado o seguinte cálculo, baseado na capacidade de produção de alimentos dos grupos humanos:

Atacama Diaguita (povo agrícola)	81.000	(densidade 0,38 hab. demográfica) milha ²
Araucanos (povo agrícola. Zona mais fértil)	1.050.000	(densidade 7,0 hab. demográfica) milha ²
Arquipelago de Chiloé (povo coletor caçador)	9.000	(densidade 0,2 hab. demográfica) milha ²
	<hr/> 1.140.000	

(14). — Estes são os dados mais antigos porém deveriam de existir contratos de trabalhos anteriores. A documentação citada é de Rolando Mellafe, *La Introduccion de la Esclavitud Negra en Chile, Trafico y Rutas*, p. 141-142.

Luís Thayer Ojeda e Angel Rosenblat, estimam a população nativa em 500.000 e 600 habitantes, respectivamente.

Rolando Mellafe, aceita a estimativa de 1.000.000, salientando que a margem de erro nesse tipo de cálculo é da ordem de 20%.

Aceitamos também esta última cifra, pois o cálculo à base da capacidade de produção de alimentos nos parece o mais válido, quando não há estatísticas e as referências de cronistas e autoridades contemporâneas da conquista são pouco fidedignas, pois não tinham elementos efetivos de avaliação e estavam movidos muitas vezes pelo interesse ou de valorizar a terra aos olhos do rei e dos colonos, atribuindo-lhe maior população autóctone ou de engrandecer os feitos de armas dos espanhóis, exagerando a importância numérica dos inimigos (15).

Os nativos, os índios yanaconas do Perú, trazidos pelos conquistadores e os negros, mulatos escravos e forros e os mestiços foram utilizados como mão-de-obra na mineração, na agricultura, na pecuária, na atividade artesanal, na manufatura, na guerra, no serviço doméstico. O elemento mais importante era o índio nativo. Já vimos que as *encomiendas*, à base de tributo em serviço pessoal, declinaram drasticamente e apareceram em substituição os *asientos* de trabalho que era um contrato de trabalho, na prática forçado, porém que introduzia o salário. O trabalho do índio escravo não era suficiente e justamente os *asientos* surgiram como um meio de fixar a mão-de-obra. Quanto aos índios das comunidades livres sujeitos ao tributo, já vimos que foram afetados pelos deslocamentos de população provocados pelo serviço pessoal. O licenciado Santillán tentou com as ordenanzas postas em prática por volta de 1557, revigorar as comunidades assegurando-lhes, em lei, a sexta parte do produto de trabalho indígena na extração dos metais preciosos (o famoso *sesmo del oro*) que deveria ser investido em benefício das comunidades. Na realidade, serviu na sua maior parte de fundo de crédito para os espanhóis e em pequena parte para a aquisição de gado pelas comunidades, não sendo suficiente para impedir a decadência delas

(15). — John Cooper e Julian C. Steward, Steward, *Handbook of South American Indians*, Smithsonian Institute, Washington, D. C., 1946-1949, v. II e V; Louis Faron e Julian C. Steward, *Native Peoples of South America*, Mc Graw Hill, New York, 1959; Luiz Thayer Ojeda, *Elementos étnicos que han intervenido en la población chilena* (citado por Rolando Mellafe). Rolando Mellafe, *La Introducción de la Esclavitud Negra en Chile*. Angel Rosenblat, *La población Indígena y el mestizaje en America*, Editorial Nova, Buenos Aires, 1954.

ou para capacitar os índios a pagar tributo em espécie (16). A sociedade básicamente era de tipo senhorial no século XVI, dependendo do trabalho servil e escravo. O nível cultural dos índios pacificados do Chile dificultava também a conversão do tributo de serviço pessoal em pagamento de gêneros o que dependia, evidentemente, de capacidade de ter um excedente de produção.

Quanto ao negro, Rolando Mellafe avalia que entraram em média 33 negros por ano desde o início da conquista até 1570. No período da conquista do Perú e do Chile prevaleceu o sistema de licenças individuais graciosas com comerciantes a importação aumentou substancialmente. Tomando em conta o crescimento vegetativo da população negra no Chile e os dados sobre o número de proprietários de escravos, aquele autor chega à conclusão que o número de negros e de mestiços de negros, brancos e índios atingia a soma de 7.000 indivíduos em 1570.

Tomas Thayer Ojeda estima que chegaram ao Chile entre 1540 e 1567:

emigrantes europeus	2.391
sairam	306
morreram	502

População branca no Chile em 1570 — 1.583

A população do Chile em 157 foi estimada por Rolando Mellafe:

espanhóis e criollos (inclui mestiços de índios e brancos que vivam com os pais espanhóis)	7.000
mestiços brancos (mestiços de índios e brancos que viviam com os índios)	10.000
negros e mestiços de côr	7.000
índios de paz	450.000
índios rebelados	150.000
total (17)	624.000

(16). — Alvaro Jara, *El salario de los Indios y los sesmos del oro en la tasa de Santillan*, Centro de Investigaciones de Historia Americana, Universidad de Chile, Santiago, 1961; José Armando de Ramon, *La Institución de los censos de los naturales en Chile 1570-1750*, Separata da revista "Historia", nº 1, da Universidade Católica de Chile, Santiago, 1961; Alvaro Jara, *Fuentes para la Historia del Trabajo en el Reino de Chile*, Centro de Investigaciones de Historia Americana, Universidade de Chile, 1965.

(17). — Tomas Thayer Ojeda, *Reseña histórico-biográfica de los Eclesiásticos en el descubrimiento y conquista de Chile*, p. 33; Rolando Mellafe, *La Introducción de la Esclavitud Negra en Chile*, p. 217.

4. — MOBILIDADE SOCIAL.

Gonzalo Vial Correa analisou como as duas correntes de pensamento hispânicas do século XVI influenciaram na formação da sociedade chilena: a medieval, que concebia a sociedade hierarquizada baseada no trabalho servil e a cristã que era movida por um espírito igualitário. Demonstrou como a segunda corrente gradualmente se enfraqueceu o que é mais visível no século XVII (18).

Como o Chile era uma sociedade senhorial, porém de fronteira e ainda em formação, havia uma certa mobilidade social inclusive estimulada por uma parte do clero secular e a maior parte do regular.

A permissão dos casamentos entre índios e brancos e o acesso dos índios e mestiços de índio ao clero secular e regular eram importantes elementos de elevação na sociedade.

No período de 1540 a 1567, admite-se como número provável o de 25 sacerdotes mestiços do clero secular e 35 do clero regular. Só um sacerdote mestiço foi ordenado até 1578: Juan Blas que nasceu em 1543, os outros foram ordenados posteriormente. O número averiguado é de 20 (19).

Sabemos que houve pelo menos: cinco comerciantes mestiços; 2 marinheiros, um proprietário de navio; 7 *encomenderos*, sendo um soldado também; 36 militares, sendo 7 capitães e os restantes soldados; 6 intérpretes; 2 mestres de ler e escrever, sendo um proprietário de escola; 1 procurador de índios; 9 artesãos; 10 funcionários, sendo um *encomendero* também, 2 proprietários de solar, somente 3 criados e 1 pastor. Em valores aproximados que só indicam uma escala de grandeza dentro de uma amostra temos 72, provavelmente seriam mais, mestiços ocupados num total de 221. Se aceitarmos a avaliação para os membros mestiços do clero feita por Thayer Ojeda, acima citada, teríamos 112. Admitindo ainda uma margem devido a omissões na informação sobre profissão, ainda restaria uma parcela substancial de mestiços desocupados. No século XVII o problema deveria se agravar com a menor atividade de conquista.

Quanto aos pretos e mulatos, encontramos um mulato livre marinhaeiro, o famoso escravo Juan Valiente que participou ativamente na guerra do Aranco, 2 mulatos soldados, 1 negro fôrro soldado e artesão, 1 mulato *pregonero* de Santiago, além do negro Filipe, soldado e artesão havia um mulato aprendiz de *sastre*, um mulato livre *sillero*, 1 arriero, 1 negro fôrro que solicita solar em Santiago. Se-

(18). — Gonzalo Vial Correa, *Teoria y Práctica de la Igualdad en Indias*, separata da "Revista Historia", nº 3, da Universidad Católica de Chile, Santiago, 1964.

(19). — Tomas Thayer Ojeda, *Reseña historico-biografica de los Eclesiásticos en el descubrimiento de Chile*.

gundo Rolando Mullafe, nos anos de 1565, 1585, 1595, 1605, 1615, havia 5 negros nos *asientos* de trabalho, engajados como aprendizes e oficiais. Juan Valiente foi *encomendero* e seu filho herdou a *encomienda*, apesar dos vários pleitos movidos pelos espanhóis querendo negar-lhe o direito de ser *encomendero* por ser filho de escravo e ocupado em mistéres vis. Os negros escravos trabalhavam no período de 1540 a 1565-1570, principalmente no serviço doméstico, mas também na mineração, porém, devido ao preço, eram escassos.

Os criados espanhóis tiveram grandes possibilidades de melhorarem de padrão de vida. De um total de 75, 5 chegaram a ser *encomenderos*. 1 franciscano, 1 comerciante, 2 funcionários, sendo 1 *encomendero* também, 1 *encomendero* militar e funcionário. Os artesãos também chegaram a atingir a situação de *encomenderos* (5) e de funcionários (5) de pequena categoria, comerciantes (1), militares (1), proprietário de frágua (1) e proprietário de vinhedo (1). Numa amostra de 132 artesãos, verificamos que a mobilidade social desse grupo foi baixa, o que revela a força do preconceito senhorial quanto ao trabalho manual.